



Autor : ¹Monaliza Correia da Silva

Autor :² Adriana Claudino dos Santos

Orientador : ² Prof : Dr ;Cezar Nonato Bezerra Candeias

**MULHERES EMPREENDEDORAS: FIBRART (FIBRA E ARTE),
ECONOMIA SOLIDARIA, EDUCAÇÃO PUPOLAR E GENERO .**

RESUMO :

A Associação FIBRART é composta por um grupo de mulheres do município de Atalaia em Alagoas. A atividade desenvolvida pelo grupo é o artesanato da fibra da bananeira, trabalho que vem sendo aprimorado pelas artesãs através de muita dedicação e superação de desafios. O grupo tem importantes parceiros no processo de desenvolvimento e promoção do grupo a exemplo da prefeitura da cidade, o Banco do Brasil e a Unitrabalho - UFAL, que vem desempenhando um importante papel junto com a IESOL. O grupo é composto por oito mulheres que viram suas vidas mudar com a prática do trabalho coletivo e o desenvolvimento do trabalho artesanal como o revestimento de móveis, moldura para quadros e espelhos, bolsas, chapéus, lembrancinhas para festas, eventos e etc. Todos os produtos são feitos de maneira manual com características próprias os trabalhos são elaborados coletivamente e individualmente. Os produtos são comercializados nas feiras locais, nacionais e estaduais.

Palavras Chaves: Gênero, Incubação, FIBRART, Educação Popular .

1. Graduada em pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (2014).

2. Graduada em engenharia agrônoma pela Universidade Federal de Alagoas (2007).

3. Graduado Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (1995), mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (1998) e doutor em Educação de Adultos pela Universidade Federal da Paraíba (2007). Atualmente é pesquisador e Professor Adjunto 1 da Universidade Federal de Alagoas.

3 - OS LUGARES, VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DAS MULHERES NA ECONOMIA SOLIDÁRIA.

1 - MULHERES EMPREENDEDORAS: FIBRART (FIBRA E ARTE), ECONOMIA SOLIDARIA, EDUCAÇÃO PUPOLAR E GENERO .

A perspectiva de vida de mulheres de baixa renda em determinadas regiões do estado de Alagoas, surpreende quem por lá convive com estas mulheres em especial, durante as observações, procurei meios de trabalhar com resultados positivos. A Unitrabalho vem desenvolvendo projetos que subsidiem em lutas por melhores condições de vida. Para isto busca a síntese dos saberes das academias com o saber dos

trabalhadores e, através disto conseguir qualificar a organização e ação social. Então, Cito a Economia Solidária por ter visto que funciona como alternativa para a melhora das condições de qualidade social e desigualdade social e com o passar do tempo saem da baixa linha de pobreza servindo de autoestima e trazendo resultados de crescimento nos grupos empreendedores principalmente com os que trabalham de forma coletiva, com o decorrer do tempo, os grupos que estão atuantes conseguem melhorar de forma geral.

Devido a precariedade e as dificuldades que existem em determinadas regiões, as pessoas, principalmente as mulheres que lá moram ,observa-se entre elas certo complexo de inferioridade assimilando uma imagem de negatividade, onde também são vistas por outros como inferiores e incapazes por parte de alguns .

Sendo contraria a esta situação em que estas mulheres se sentem e como são visadas. Instiguei-me em fazer observações de como a metodologia da Economia solidaria age entre elas, já que as mesmas desenvolvem algum tipo de artesanato local, já que a Unitrabalho – UFAL, visa a Economia solidaria, saúde do trabalhador, Emprego e relações de trabalho e o trabalho e a educação, não se esquecendo de seus aspectos históricos, geográficos, políticos e sociais da região ,de forma que estes aspectos possam também contribuir no processo de formação e da consciência critica de cada uma destas mulheres .Por ser uma alternativa já trabalhada destaca-se como uma nova metodologia a ser bastante pesquisada. Além disto, o processo de se trabalhar com esta metodologia surgiram realmente ao se observar a importância de se trabalhar nesta pratica, e estas mesmas passem para as demais e para a comunidade local. Resultando em uma participação de diversos atores sociais como estudiosos, educadores, os grupos de mulheres, a comunidade local, técnicos e bolsistas, de forma que se trabalhe de inicio e sempre o conhecimento de mundo (refiro-me aos os costumes e cultura local) de cada uma delas.

Isto para mim é muito importante, valorizar os costumes e suas culturas, incluindo a importância dos costumes e respeitando seus conhecimentos historicamente construídos.

Outro fato que motivou a pesquisa com relação a estas mulheres, foram as minhas visitas, em que atuei como (bolsista) educadora e pesquisadora com os projetos desenvolvidos e apresentados pela Unitrabalho – Ufal .

Pude perceber nas práticas as mudanças ocasionadas durante o processo educacional dos grupos principalmente os do sertão e zona da mata alagoana. Por esta razão venho através de observações, que é um recorte da experiência desenvolvida no empreendimento FIBRART (fibra e arte) no município de Atalaia - Al. Fazendo um levantamento das observações feitas durante os projetos já trabalhados com um pensamento critico, considerando um dos fatores , foi a transformação destas mulheres ,quando atuei como participante de um dos projetos Unitrabalho –UFAL, no qual tive a oportunidade de participar.

No entanto, Além desta análise, objetivo muito maior além de tantos já citados, que foi buscar informações através de oficinas, cursos palestras e questionários individuais, rodas de diálogos, para com tudo isto fazer varias reflexões a respeito da melhora de vida delas com a alternativa do trabalho voltado para a Economia Solidária e seus princípios.

A mulher na época da colonização no Brasil passou por diversas situações e costumes tradicionais, onde eram educadas. Para serem donas de casa, desde meninas onde já se aprendia diversas maneiras de ser uma boa dona de casa e uma boa esposa, quanto aos passeios como de costume as mulheres não podiam sair de casa esta já casada só saia na companhia do marido e não podiam trabalhar fora de casa, ficando o marido com esta obrigação, mas quando isto acontecia ,quando uma mulher resolvia trabalhar ,era duramente criticada pela sociedade e pela família, está tinha que por obediência fazer todas as vontades, fazer as do marido e as que a família lhes impunham. Segundo a autora Alves:

A importância das classes deve ser subestimada no estudo da mulher no Brasil, o duplo padrão tradicional de moralidade para homens e mulheres, com os valores a ele associados, é raramente absoluto ou ofensivo às influências de classes, bem como de tempo e de lugar. A honra feminina está intimamente relacionada com a hierarquia social. (p.13)

Por volta do século XIX, as mulheres já trabalhavam, mas com uma condição a escravidão no horário de serviço e ganhavam bem menos que os homens, então com o crescente número de fábricas têxteis, muitas dessas mulheres que trabalhavam nas fábricas eram estrangeiras, em São Paulo com uma grande de fábricas e no Rio ,estes dois estados com os maiores centros de manufatureiros. Ao mesmo tempo acontecia a manifestação dos anarquistas europeus.

O Brasil influenciado com o recente movimento trabalhista brasileiro, nesta época tanto no Brasil, como em outras partes do mundo, os marxistas e anarquistas estavam entre os primeiros a apoiar a igualdade das mulheres.

O mais importante jornal anarquista, três costureiras de São Paulo criticam suas companheiras por sua apatia, pois as costureiras se querem tomavam parte das greves gerais, apesar de terem frequentemente que dar dezesseis horas diárias de trabalho, enquanto alguns trabalhavam apenas oito horas. Essas três mulheres pediam apoio na luta contra empregadores cruéis e destacavam o valor da solidariedade operária. (p. 97)

Esta luta já vem de muito tempo com os primeiros feministas da época, há séculos que as mulheres lutam pela igualdade de direitos trabalhistas.

Na nossa sociedade o trabalho determina posições sociais, até as ciências pesquisam o modo capitalista, o trabalho coletivo é apropriado por máquinas para gerar o capital, o modo do trabalho é às vezes e sempre discutido como força produtiva do capital e não do trabalho, o ser humano é medido pela sua produção, o grau de produção das forças de trabalho produtivas é o trabalho, se tornando uma alienação humana. É na existência do trabalho individual que se manifesta o trabalho coletivo, o trabalho não é somente produção de materiais como, também a troca de relações sociais das quais levam efeito as produções, o capital se torna o mais importante, é ele que determina as condições de cada indivíduo.

A Incubação como princípio educativo

O processo de incubação de Empreendimentos Solidários é antes de tudo um ato educativo, onde há um encontro de saberes, de um lado o conhecimento popular, as tradições da comunidade e de outro o conhecimento científico, socializado que ao se encontrarem formam um novo conhecimento. Nesse sentido, a ação da Incubadora busca, por meio da formação, intervir na realidade dos grupos para estes busquem uma transformação. Temos claros que todo processo de transformação tem que ter como protagonista os sujeitos locais, internos ao grupo. Assim, uma ação transformadora tem necessariamente de partir da realidade desses sujeitos, refletir sobre ela e voltar a ela transformando, são essas etapas que o processo de incubação busca com a pré-incubação, incubação e desincubação.

É nesse sentido que Culti(2006), diz que a incubação é um processo prático educativo.

“Processo prático educativo de organização e acompanhamento sistêmico a grupo de

peças interessadas na formação de empreendimentos econômicos solidários, tendo em vista a necessidade de dar suporte técnico a esses empreendimentos”.

Todos esses princípios têm fundamento nos referenciais da Educação Popular Freiriana, onde o princípio norteador é o diálogo. É através do diálogo que conhecimento popular e científico se encontram, que se pode valorizar os saberes existentes, onde um não anula o outro e nem há um mais importante ou menos importante que outro, eles são apenas diferentes e se complementam.

Para Freire (1987, p.44-47), o diálogo é um fenômeno humano, que pode se dar de forma vertical ou horizontal. O primeiro é classificado pelo autor, como o verdadeiro diálogo aquele que busca transformar, que se estabelece entre sujeitos iguais sem hierarquização do poder. O segundo é o que ele chama de falso diálogo, onde um fala e outro escuta, um manda e outro obedece.

Vejamos a diferença entre:

Verdadeiro diálogo	Falso diálogo
<p><input type="checkbox"/> O diálogo é o encontro entre homens e tem o mundo como mediatizador.</p> <p><input type="checkbox"/> Diálogo é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir</p> <p><input type="checkbox"/> DIÁLOGO É AMOR Amor é o compromisso com a causa da libertação</p> <p>“se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo” (p. 80)</p> <p><input type="checkbox"/> DIÁLOGO É TER FÉ. Não há diálogo se não há uma intensa fé nos homens, fé no seu poder de fazer e refazer, de criar e de recriar A fé gera confiança</p> <p><input type="checkbox"/> HUMILDADE Os homens que não têm humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo [...] não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos”</p>	<p><input type="checkbox"/> Não se dialoga sozinho</p> <p><input type="checkbox"/> Não se dialoga falando para o outro</p> <p><input type="checkbox"/> Não se dialoga roubando a palavra do outro (como se fosse o dono da verdade)</p> <p><input type="checkbox"/> Na há diálogo entre opressores e oprimidos</p> <p>NÃO EXISTE DIÁLOGO SEM ESPERANÇA.</p>

□ DIÁLOGO É PENSAR CRÍTICO	
----------------------------	--

“ não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico [...] Sem ele, não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação”	
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

O diálogo norteia toda prática social, política e pedagógica de uma ação transformadora, de uma proposta de formação que busque construir a autonomia dos sujeitos envolvidos, para Freire (1987, p. 68-69),

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas [...] Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo[...]

Partir da realidade desses sujeitos, valorizarem seus conhecimentos, dialogar com eles, tudo isso demanda conhecê-los, e para isso é necessário ir até o “mundo deles”, não há como construir uma proposta de ação transformadora sem esse contato inicial com a realidade dos sujeitos, eis aí a importância da pré-incubação utilizada pelas incubadoras da Unitrabalho”.

Após esse momento inicial é tempo de intervir, não adianta apenas conhecer, mais buscar uma intervenção para a transformação.

[...] toda a compreensão de algo corresponde, cedo ou tarde, uma ação. Captado um desafio, compreendido, admitidas as hipóteses de resposta, o homem age. A natureza da ação corresponde à natureza da compreensão. Se a compreensão é crítica ou preponderantemente crítica, a ação também será. Se é mágica a compreensão, mágica será a ação[...] (Freire, 1983:106)

A intervenção do processo de incubação se dá na organização propriamente dita do Empreendimento, ou seja, é a partir de uma melhoria na organização da gestão e da atividade produtiva dos Empreendimentos que eles podem melhorar a qualidade de vida de seus sócios através da geração de empregos e renda de forma sustentável. O foco dessa organização é a elaboração do Plano de Negócios, que nessa concepção não é apenas um instrumento técnico, mais também um projeto político do grupo, pois a sustentabilidade dessas atividades passa pela dimensão econômica, social, ambiental e cultural integrando o local como o global.

Durante esse processo busca-se a consolidação da participação dos sujeitos em busca da construção de sua autonomia. Nesse momento o conhecimento científico desenvolve um papel fundamental, pois ele é quem ajudará a transição de uma visão ingênua da realidade para uma visão crítica e transformadora.

Por fim, a etapa da desincubação é momento de voltar ao ponto de partida, a realidade dos grupos e vê até que ponto eles avançaram na conquista de sua autonomia. O resultado do pratica de trabalho da economia solidaria, estimular a autoestima com oficinas, palestras e questionários individuais.

Com o objetivo de trabalhar a questão do gênero comparando a situação que estão na atualidade, com relatos feitos durante as visitas. Acontecendo conforme o cronograma executado, seguindo de relatórios detalhados visando à situação problema e a solução destes, que será socializada e trabalhada. Os relatórios servirão também de dados com informações colhidas servindo de base de estudo, abordando pesquisas científica que estudam a desigualdade de gênero e desigualdade, tomando como referência artigos e publicações de autores que se fundamentam numa perspectiva criticam de base sobre este assunto, partindo da realidade social do local Tomando como eixo principal, os objetivos propostos para a pesquisa, à pesquisa bibliográfica contará com a produção de fichamentos e resumo dos conteúdos relacionados à problemática da desigualdade social com um olhar voltado para uma teoria critica para uma fundamentação teórica pertinente ao tema. As visitas ocorrerão conforme o cronograma executado no decorrer do curso, seguindo os relatórios detalhados e visando a situação problema, a superação e solução destes.

Acreditar-se- á, que com estas expectativas fundamentais e considerando as mudanças ocorridas com relação aos avanços que já ocorreram e que ainda estão por vir. Cabe salientar a mudança que irá ocorrer com relação às mulheres em especial as do empreendimento FIBRART, Alagoas.

Trabalhe-se- á este, de forma continua e dinâmica, será observado uma grande diferença em todos os aspectos positivos para com estas mulheres, a troca de experiência e com a expectativa de que elas venham progredir, será o real interesse deste projeto, com a continuidade deste, identificaremos possíveis mudanças, tanto no quadro de autoestima, como no econômico e social.

7-REFERÊNCIAS:

ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo**. Editora Brasiliense. São Paulo, 1985.

CATTANI, A. D (Org.). **A outra economia** – Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CULTI, Maria Nezilda. **ECONOMIA SOLIDÁRIA: Incubadoras**
Universitárias e

Processo Educativo. Jan/Mar – 2007, ano 31, nº 111.

FETRAECE. **Conceito de Gênero**.

Igualdade de gênero e raça no trabalho e desafios \Organização Internacional do Trabalho - Brasília: OIT,2010 .

A mulher no Brasil – June E. Hahner .